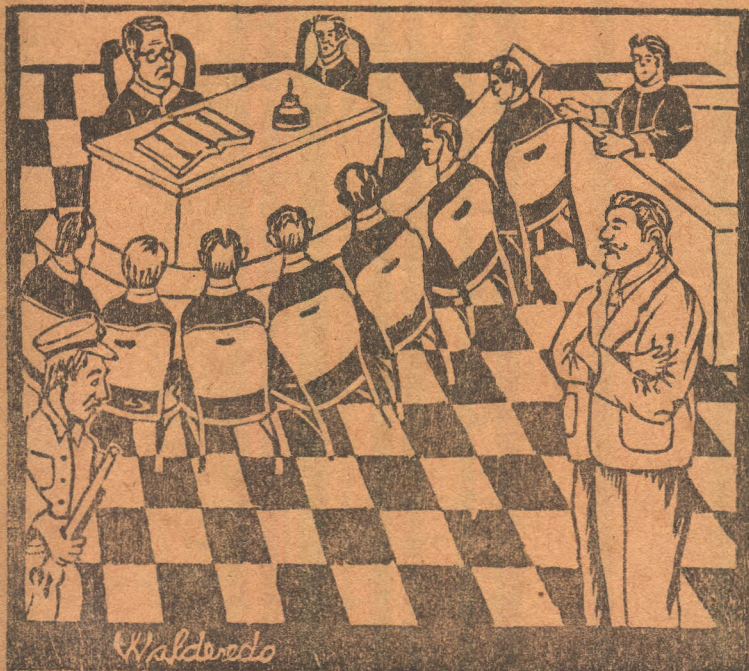


AUTOR. LEANDRO GOMES DE BARROS

Editor proo José Bernardo da Silva

Antonio Silvino no Juri

DEBATE DE SEU ADVOGADO



**EDITOR
PROPRIETARIO**
José Bernardo da Silva

Antonio Silvino no juri

Debate de Seu Advogado

Em vinte o seis de outubro
o dia designado
para o celebre cangaceiro
no tribunal ser julgado
perante a justiça publica
e o seu advogado

Já na torre da igreja
anunciava meio dia
então Antonio Silvino
cabisbaixo triste ia
ouvir na ultima sentença
que sorte lhe saberia

No salão do tribunal
entrou ele amedrontado
porque conheceu que ali
havia de ser julgado
dizia-lhe a consciencia:
é triste o teu resultado

O juiz lhe perguntou
— qual é todo nome seu?
Manoel Batista de Moraes
Silvino lhe respondeu

*P. Moura
Natal - 5/9/71*

me chamam Antonio Silvino
mas não é o nome meu

Sabe o réu porque está preso
o juiz lhe perguntou
disse Silvino: por falso
que o povo me levantou
servindo-se do meu nome
não foi um só que roubou

—Mas os horroresos crimes
que se vê em seus processos?
Responden Silvino: muitos
escreveram com excessos
onde eu passava já havia
os rastros de outros perversos

Diz o juiz: você sabe
porque está sendo julgado?
disse Silvino: é porque
dizem que sou processado
e no mais em meu lugar
está o meu advogado

—Porém o senhor não sabe
porque vem ao tribunal?
eu vim porque me trouxeram
disse Silvino afinal
sou um homem ignorante
não conheço bem nem mal

O juiz do tribunal
ordenou ele sentar-se
e disse ao advogado
que se quizesse falasse
e dentro da justa lei
o que quizesse alegasse

O advogado dele
vinte minutos falou
o que foi de atenuante
remexeu tudo, esgotou
porem foi tudo debalde
que em nada remediou

Ainda o advogado
entrou na forma seguinte
disse em pleno tribunal
— vejo o meu constituinte
ser condenado em artigos
onde se livraram vinte

Senhores, Antonio Silvino
não fez tudo que se diz
todos nós estamos ao par
do povo da nossa pátria
que vendo o pobre com o peso
diz: carrega esse infeliz

Eu não me retiro a isso
porque seja interessado

e nem adoto o sistema
de um faminto advogado
falo porque tenho pena
de um infeliz desgraçado

Eu não defendo esta causa
interessado em dinheiro
porque que fortuna tem
um pobre prisioneiro?
venho por ter tantos lobos
ao redor de um cordeiro

Ora, nós temos a lei
claramente as nossas vistas
e essas leis foram feitas
por grandes criminalistas
não foi por pessoas baixas
revoltosas e pessimistas

Por exemplo: uma hipotese
Pedro disse que fulano
lhe disse que lhe disseram
que Pedro matou beltrano
nesse processo de Paulo
não pode dar-se um engano

Parece que um ente desses
cumpre a ordem do destino
eu ouço falar em crimes
cometidos por Silvino

quando talvez o pai dele
ainda fosse menino

Disse o doutor Souza Filho
procurador do estado
—colega eu enxergo em si
razões dum advogado
seu cargo hoje admite
que se defenda o culpado

Embora que os crimes dele
encerre o grande compendio
você como advogado
procura jeito defende-o
mas a prisão dele evita
a morte, roubo e incendio

Quantos orfãos nesta terra
choram hoje desvalidos
quantos homens arranchados
andam hoje foragidos?
viúvas desamparadas
qu'ele matou-lhes os maridos

Um desse se vendo solto
nunca mais se regenera
e é feliz o brasileiro
que não conhece tal fera
um coração tão perverso
envergonha a nossa era

—Colega devemos ver
lhe disse o doutor Simões
nos maus já tem se encontrado
magníficos corações.
não é só o homem honrado
que se vê boas ações

Nós já temos visto homens
em momentos desgraçados
cair as vezes num crime
ser por isso processados
mas depois que se vêem livres
tornam-se regenerados

Disse o doutor Souza Filho
Não é isto atenuante
veja que o velho rifão
tem um trecho interessante
cesteiro que faz um cesto
faz um cento e vai adiante

— Existe uma lenda antiga
que hoje se torna moderna
muitas pessoas adotam
como uma verdade eterna
cavalo por dar um colce
não deve cortar-se a perna

Disse o desembargador:
— meus senhores venham cá

onde este rên nasceu
fez os crimes desde lá
no lugar que ele estiver
o crime perto ha de está

Ele deve ter processo
em todo aquele sertão
ele nunca recusou-se
para qualquer agressão
roubo, incendio, assassinato
era a sua profissão

Fez ele em Caruaru
duas mortes em Trapitã
4 ou 5 em Canhotinho
duas ou três no logá
fez mais uma cena horrenda
na usina Jundiã

Passou dezanove anos
o Norte sem garantia
só morava no sertão
o povo que ele queria
a força que fosse a ele
desenteirada saia

Hoje, por felicidade
já se ponde o capturar
se ele se escapolir
quem pode mais o pegar?

Qual é mais o fazendeiro
que pode negociar?

Alem da terrivel seca
que tanto tem assolado
soltemos mais um leão
que temos engaiolado
veja se todo sertão
não fica despovoado

O advogado disse
advirto vossa senhoria
que o crime figura um cego
e a lei figura um guia
a lei é como um compasso
não sendo, de que servia

O réu cometeo crime
e o processo foi feito
mas quem tirou o inquerito
não soube tirar direito
arrependeu-se depois
agora não tem mais jeito

A lei manda que se obre
o que coneta na postura
se alguém fez isso errado
quem sabe vendo censura
da morte para a existencia
muda muito da figura

Porque a lei diz assim
só poderá ser punido
o crime que for provado
como foi acontecido
tendo uma só testemunha
ainda não está garantido

Não era só o Silvino
o cangaceiro que havia
é certo, do nome dele
qualquer se prevalecia
muitos crimes foram dados
onde Silvino nem ia

O concelho reuniu-se
pra fazer a votação
não houve um voto a favor
não poudé haver concessão
a causa estava perdida
não havia remissão

Tambem Antonio Silvino
de vez enquanto corava
chegava-lhe um suor frio
o rosto lhe desmaiava
nem cascavel no sertão
no dia em que se assanhava

Quando voltou a cadela
todo corpo lhe tremia

olhava para a prisão
a carne lhe estremeceia
fitava bem as paredes
e como cobra se mordia

Arrenegava da hora
que a mãe o concebeu
desconjurava do dia
e do ano em que nasceu
até da primeira papa
e do tempo que viveu

Depois ele se acalmava
mas não podia dormir
cinco minutos de sono
não podia conseguir
horas se via chorar
outras se via a sorrir

Ele exclamava consigo;
ah! liberdade de outrora
quanto feliz eu seria
podendo colher-te agora
mas tu foste como o passaro
voastes fostes embora

E's como as folhas que secam
nos frondosos laranjais
ou como as aves nos ninhos
que empenam e deixam os pais

dizem no primeiro vôo
adeus para nunca mais

Ah! campos da minha terra
onde a infância passei
ah! sombras deliciosas
onde os dias desfrutei
montes cobertos de flores
que para sempre deixei

Onde gosei mil carinhos
de uma mãe extremosa
os dias eram uns jardins
e cada noite uma rosa
nasci em berço de flores
e morro em cama espinhosa

Oh! morte porque demoras
em dar minha liberdade
não é o meu sofrimento
vindo da eternidade?
eu te esperava tão cedo
vinde, embora seja tarde

Oh! campos de minha terra
prazeres que desfrutei
cenas que passei por elas
glória com que eu sonhei
montanhas encantadoras
inda hei de ver-te. não sei

Talvez que ainda em sonho
eu vá num daqueles montes
do cume se uma das serra
olhe naqueles horizontes
ou se morrer a minh'alma
vá ao pé daquelas fontes

Quem criou-se onde oriei-me
e nasceu onde eu nasci
estando em minhas condições
preso como estou aqui
chora quando se lembrar
de muitas cenas dali

A liberdade do povo
os encantos do sertão
os cantos dos passarinhos
um tempo de apatidão
o homem que não chorar
nunca teve coração

Embora fosse infeliz
contudo sinto saudade
minha patria foi cruel
mas eu lhe tenho amizade
o amor e a pessoa
ambos são da mesma idade

Depois dizia consigo
Ah! julz se eu te apanhasse

eu sendo como já fui
talvez tu não escapasse
tudo quanto já tens dito
em dez palavras negasse

Tudo hoje é contra mim
nesse miseravel estado
quatro e cinco me censuram
por todos sou acusado
nove algozes de uma vez
acusando um condenado

Talvez que alguém aqui
fizesse tudo que eu fiz
porem encontrou amigo
ou um pai, como se diz
um desses que faz sorrindo
de um desgraçado feliz

Mas eu sou pelo contrario
só alcanço acusação
não ha um só entre tantos
que me ofereça a razão
o que não é contra mim
vota por minha prisão

Hoje tenho a liberdade
por um ditado ou pilheria
é castigo é o comum
o horror é sentença seria

trago o carrasco a meu lado
convivo com a miséria

Minha esperança é mais negra
do que as noites sem lua
nas tempestades horrendas
que nem um astro flutua
estou nas condições de cão
sem dono no meio da rua

Se eu hoje chegar na praia
as ondas me vendo esbarram
os próprios peixes ferozes
se me verem não me agarram
repugnados de mim
torcem de banda e escarram

Procuro um homem de letras
que defenda meus direitos
esse corre meus processos
acha num dois três defeitos
crimes de barbaridade
que por mim não foram feitos

Mas o homem preso está
sujeito a qualquer marzela
e quem compra numa tasca
paga pelo preço dela
isto é caso que se dá
desde o palácio a uma sela

Se pelo revez da sorte
inda eu possa me soltar
aos quatro estados do norte
eu hei de gratificar
por uns 4 ou cinco anos
o povo tem que falar

Pernambuco tem de ver
embuá tocar viola
morcego andar no cangaço
com rifle, faca e pistola
Paraíba fica doida
e Rio Grande se amola

Ah! se chegasse esse tempo
a que grau subia eu
eu olhava todo norte
dizia: isso aqui é meu
meu avô deu a meu pai
meu pai na morte me deu

Também juro ao meu Deus
se algum dia eu me soltar
faço coisa a cabra ruim
que o diabo ha de chorar
até cascavel tem pena
tapurú chega a exclamar

Dessas estradas de ferro
desgraço todas as linhas

familias em Pernambuco
só escaparia as minhas
na Paraíba não fica
quem bote agua as galinhas

Se eu escapar daqui
não ha mais quem me dê fim
porque desse dia em diante
eu hei de fazer assim
esmola nem a meu pai
confiança nem em mim

Eu quero ver se um diabo
me acha de corpo aberto
a salvação do macaco
è ser ligeiro e esperto
faz muito bem o coelho
dormir com o olho aberto

Fim Juazeiro 21 2-57

Preço 6 Cruzeiros

PROTESTO!...

tendo ciência de que alguém procura escrever e editar muitas numerosas trovas populares, de que sou esclusivo autor e proprietario, iludindo, assim a boa fé dos meus freguezes e apreciadores.

Protestei, e Registrei, contra a adsorção dos meus direitos, ás quaes estão saindo carimbadas com o n.º do referido Registro, que é o seguinte: Reg. 997 Livro B — 4 em Juazeiro do Norte assegurados pelo Dec. Federal n.º.26.675 de 18-5-1949. Fazendo valer os meus direitos oportunamente perante os tribunais do paiz, já tendo requerido as certidões de que trata o artigo 673 do referido Código.

Sirva este meu protesto, de arizo aos meus leitores e as autoridades de todas as circunscrições da República a quem requeri não só apreensão como indenisação pelos danos causados.

Juazeiro do Norte, 27-7-1956

José Bernardo da Silva